Rabino Yosef Bitton



DECIFRANDO A CRIAÇÃO

UM ESTUDO SOBRE OS TRÊS PRIMEIROS VERSÍCULOS DA BÍBLIA

editora & livraria SÊFER

Tradução: David Gorodovits

Título original em inglês: **AWESOME CREATION**
Copyright © 2013 by Yosef Bitton

Publicado por Gefen Publishing House Ltd. – Jerusalem

Direitos em língua portuguesa reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel.: 3826-1366 Fax: 3826-4508 sefer@sefer.com.br
Livraria virtual: **www.sefer.com.br**

Tradução:	David Gorodovits
Revisão:	Jairo Fridlin
Editoração eletrônica:	Editora Sêfer
Capa:	Ivo Minkovicius
Baseada na capa original criada por	Ranilo Cabo
Impressão e Acabamento:	Sumago Gráfica
Agradecimento especial:	Francisco Magid

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o "CH" para o som de RR, como caRRo em português.

Para contatar o autor: rabbibitton@yahoo.com

אסור להעתיק עבדל ידינו

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora Sêfer.

2013

ISBN 978-85-7931-056-0

Printed in Brazil

Índice

Introdução 9

Versículo 1

Capítulo 1: O Fim da Eternidade 19

Capítulo 2: A Criação do Tempo 49

Capítulo 3: Traduzindo a Criação 91

Versículo 2

Capítulo 4: Inventário da Terra 123

Capítulo 5: Planeta Azul 163

Capítulo 6: Agentes de Deus 191

Versículo 3

Capítulo 7: Luz e Tempo 221

Capítulo 8: Luz Embrionária 247

Capítulo 9: Lá vem o sol 271

A edição desta obra em português
é dedicada a David e Keren Bitton
e às nossas netas Tamar and Mijal.

Yosef e Coty Bitton

Introdução

Como é do conhecimento de todos que alguma vez leram os primeiros versículos da Torá (Pentateuco), essas poucas palavras que enunciam como Deus tornou o mundo uma realidade são fascinantes, densas, desafiadoramente crípticas e tratam de um assunto que automaticamente nos atrai: como surgiu nosso mundo. Questões sobre a origem da nossa existência, do planeta que consideramos nosso lar e do Universo que nos é familiar sempre intrigaram os seres humanos de todas as eras, em todos os caminhos da vida e ao longo de toda a História. Parece até que Deus sintonizou o cérebro humano de tal forma que sempre nos sentimos levados a questionar e buscar entender os princípios de tudo que conhecemos.

Não existem outras palavras que tenham gerado mais pesquisas, nem sentenças que tenham provocado mais discussões acadêmicas. Nenhuma outra passagem foi encarada com tanta curiosidade como o relato bíblico do Gênesis – o início do Universo.

O objetivo deste livro é examinar os três primeiros versículos da Torá, principalmente a ideia bíblica de Criação *ex nihilo* (sem que nada existisse anteriormente) e as ações desenvolvidas pelo Criador a fim de preparar o planeta Terra para produzir e sustentar a vida.

Dediquei três capítulos para cada versículo bíblico. Para o leitor novato isso pode parecer um exagero. Entretanto, quem é proficiente no estudo da Torá sabe que apenas um livro não

poderia, de forma alguma, esgotar o estudo destes versículos. A Torá se assemelha a um profundo oceano, rico em tesouros de sabedoria que permanecem completamente ocultos até que alguém se atreve a mergulhar em suas águas. A maioria de nós, incluindo eu mesmo, nos aproximamos apenas da superfície deste oceano, colhendo algumas conchas na praia. Isaac Newton foi quem melhor expressou esse conceito ao dizer: "Sou apenas uma criança brincando na praia enquanto vastos oceanos de verdades jazem ocultos perante mim."

Consideremos, por exemplo, os campos da Cosmologia e Astronomia. Realisticamente não se poderia esperar que em uma única geração se pudesse compreender tudo que esses campos procuram estudar, por mais tentador que seja esse objetivo. Os astrônomos simplesmente articulam a melhor explicação que é possível emitir em função de seu conhecimento atual e das limitações de sua ferramenta principal: o telescópio. De forma similar, no campo da Torá sempre será possível enxergar mais ou de forma mais completa. No que concerne ao estudo da Torá, existe uma busca constante por uma melhor compreensão. Em cada geração, cada pessoa que se dedica ao estudo da Torá tem o potencial de descobrir novas camadas no infinito livro do Eterno. É verdade que nosso conhecimento da Torá, nossa inteligência e nossas habilidades cognitivas empalidecem quando comparadas às dos Sábios do Talmud. Intelectualmente eles eram gigantes, enquanto nós não passamos de anões. Jamais poderíamos enxergar tão longe quanto aqueles gigantes – exceto se resolvermos nos colocar sobre seus ombros. Aí poderemos enxergar tanto ou talvez ainda mais, especialmente se estivermos equipados com novas ferramentas para realizar nossas descobertas. A Ciência moderna é uma dessas ferramentas.

Consideremos o seguinte: há quarto mil anos, Deus abençoou nosso antepassado Abrahão, assegurando a ele que seus descendentes seriam tão numerosos quanto os grãos de areia nas praias do mar e quanto as estrelas do Céu. Essa comparação bíblica, aparentemente desproporcional, entre as estrelas e os grãos de areia deve ter intrigado os leitores e os estudantes da Bíblia por milênios. Num único punhado, teremos em nossa mão milhares de grãos de areia, milhões em apenas um metro cúbico e trilhões num trecho de praia. Mas há apenas um milhar de estrelas visíveis na escuridão do céu. Demorou muito tempo até que fossem desenvolvidos telescópios que permitissem ao homem mirar o espaço profundo. O número de estrelas passou de milhares para milhões. Finalmente, em 1980, pudemos compreender a precisão e a sofisticação da bênção feita por Deus a Abrahão, quando Carl Sagan, provavelmente sem perceber sua contribuição à exegese bíblica, proclamou que o número total de estrelas no Universo é maior que o de todos os grãos de areia de todas as praias do planeta Terra juntas.

Muitas pepitas de sabedoria da Torá permaneceram adormecidas por séculos, encapsuladas em palavras e frases tão avançadas para sua época, que só agora, em nossa época privilegiada, podemos começar a entendê-las.

De acordo com as ideias desenvolvidas pelo Rabino Eliyahu Ben-Amozeg, entre outros, acredito que, à medida que se expande nossa compreensão da realidade física que nos envolve, expande-se também nossa compreensão da Torá – particularmente no que se refere à Criação. O Rabino Ben-Amozeg explicou que as novas descobertas nos campos da Física e da Ótica, desenvolvidos por Descartes e Newton, sobre a natureza da luz lhe permitiram alcançar uma maior compreensão sobre o conceito de luz no texto

bíblico: "Quando aumentamos nosso conhecimento, a elucidação e solidez dos ensinamentos Divinos (a Torá) aumentam porque o que não era conhecido por nossos ancestrais é agora do nosso conhecimento."[1]

A moderna compreensão científica da Teoria do *Big Bang* no que se refere à negação da eternidade do Universo, à nova compreensão sobre a localização privilegiada do nosso planeta em relação ao sol, às teorias hoje existentes que afirmam que a vida surgiu antes da água etc. – todas são ferramentas que temos a sorte de possuir hoje em dia. Deveríamos, por certo, testar e usar essas teorias para melhor apreciar a precisão e extrema sofisticação do relato bíblico da Criação.

Cientistas e estudiosos brilhantes, judeus e não judeus, têm escrito excelentes teses, livros e artigos procurando harmonizar o relato bíblico da Criação à Ciência moderna. Não pertenço a esse grupo. A Ciência é usada nesse trabalho somente na medida em que contribui para a compreensão do texto bíblico, que é o objetivo básico deste livro. Entretanto, embora o propósito deste livro não seja necessariamente mostrar a consonância entre a Ciência e o relato da Criação, ele afirma que aquilo que hoje sabemos sobre o nosso Universo físico é perfeitamente compatível com a narrativa da Criação apresentada pela Torá. Segundo Jorge Luís Borges, o Universo e a Bíblia são dois livros escritos pelo mesmo Autor. Podemos falhar na tentativa de perceber sua compatibilidade, talvez porque ainda não decifremos todo o significado ou a realidade final de cada um destes livros. Portanto, a falta de completa

1. Em *Lamicrá*, p. 4. Escrito e publicado por Eliyahu Ben-Amozeg em Livorno, Itália, 1862.

consonância é devida à falta de conhecimento do leitor do nosso tempo, e não dos livros ou de seu Autor.

Diferentemente de outros trabalhos que lidam com homilias e interpretações bíblicas, as contribuições deste livro derivam principalmente do campo da semântica hebraica. Como o leitor logo virá a descobrir, se quisermos compreender esses versículos é essencial rever o significado do texto bíblico sem confiar cegamente nas traduções habituais da Escritura. Os primeiros dois versículos, por exemplo, foram traduzidos de formas tão diferentes, que me sinto obrigado a reexaminá-los, palavra por palavra, distinguindo entre as traduções inspiradas em fatores teológicos estranhos (que de alguma forma se infiltraram nas traduções e nas exegeses judaicas) e as autênticas traduções judaicas realizadas pelos Sábios do Talmud, especialmente a tradução para o aramaico.

A fim de evitar que a Torá seja lida conforme o que queremos que ela diga, e não de acordo com o que ela efetivamente diz, é preciso que se faça uma leitura muito cuidadosa do texto bíblico. Somente assim é possível procurar os meios pelos quais as novas informações científicas podem ajudar a elucidar o que a Torá diz. Além disso, essa leitura cuidadosa demonstra muitas vezes que alguns dos aparentes conflitos entre a Ciência e a Torá podem ser atribuídos a uma compreensão inadequada da Bíblia Hebraica e suas nuances.

O leitor precisa também saber que esse estudo sobre os três primeiros versículos da Torá não contém nenhum material esotérico. Um exame da parte mística da Torá, isto é, as formas pelas quais o Criador fez com que tudo passasse a existir e outros conceitos profundamente místicos, estão além do escopo deste humilde trabalho. Esses segredos ocultos da Torá, mesmo quando conhecidos, não devem ser expostos em livro. De acordo com nossos

rabinos, eles devem ser transmitidos de forma privada, oralmente, à restrita audiência de um único aluno.

Este trabalho é dirigido ao leitor que deseja compreender o que a superfície deste breve texto bíblico diz e examinar suas palavras à luz dos Sábios do Talmud e dos comentaristas clássicos, principalmente aqueles exegetas cuja especialidade era a gramática hebraica. Para entender de forma apropriada esses versículos, é preciso examiná-los no contexto de todo o relato da Criação. Por essa razão, esse livro também abordará alguns eventos do segundo, do terceiro e do quarto dias da Criação, e explorará a questão do que foi criado neles realmente.

Na primeira seção deste livro examino as ideias evocadas pelo versículo 1, particularmente a noção de Criação *ex nihilo*, isto é, o ato de trazer à existência o Universo sem que nada tivesse existido antes dele, apenas pela vontade do Criador Todo-Poderoso. Essa crença é central no judaísmo. Analiso extensivamente até onde somos capazes de compreender a ideia da Criação, um ato nunca testemunhado por qualquer ser humano, e os limites da nossa imaginação. Exploro também algumas ramificações da Criação assim como o impacto que o ato da Criação poderia ter provocado sobre a idade que hoje em dia é atribuída ao cosmos e à evolução do nosso planeta. O leitor descobrirá também no terceiro capítulo dessa seção que, somente quando a primeira palavra, *bereshit*, é traduzida adequadamente, a Torá apresenta a noção de Criação *ex nihilo* sem qualquer ambiguidade.

O versículo 2 se tornou para mim a frase mais surpreendente e fascinante do relato da Criação. Devo admitir que só compreendi o significado desse versículo enquanto escrevia esse livro, e não

antes disso. Ele é frequentemente desprezado ou simplesmente ignorado ao se analisar o relato da Criação.[2] Para muitos estudiosos, talvez devido às numerosas formas pelas quais foi traduzido serem radicalmente diferentes entre si, ele tem injustamente sido considerado um parênteses supérfluo entre o sublime versículo 1 e o renomado e ilustre versículo 3.[3] Após a leitura de qualquer das traduções clássicas, não dá para deixar de sentir que, no mínimo, ele é confuso. "Caos", um termo teológico grego, "abismo" um conceito mitológico,[4] e especialmente "o espírito de Deus", uma ideia carregada de uma conotação pesadamente doutrinária alheia ao judaísmo – fazem muito pouco sentido para uma mente tradicional judaica. Nesse livro analiso esse versículo, palavra por palavra, procurando elucidar seu significado com a ajuda de outros textos bíblicos, especialmente o Salmo 104, e por meio das palavras dos rabinos que surpreendentemente não foram levadas em conta nas traduções clássicas.

Um esclarecimento diferente se tornou necessário para o versículo 3. Suas palavras não representam um problema significativo em termos de sua tradução. "E disse Deus: 'Seja luz' e foi luz" é mais ou menos um consenso universal quanto à sua interpretação. Entretanto, poucos leitores da Torá se detêm para pensar mais profundamente sobre a qual luz a Torá está se referindo. Seria uma luz física independente que Deus criara no primeiro dia? Uma luz espiritual? Uma metáfora? Ou talvez a luz do sol? E uma pergunta importante: como essa luz foi descrita pelos Sábios do Talmud, os herdeiros e porta-vozes da tradição oral?

---

2. Aryeh Carmell e Cyril Domb, *Challenge: Torah Views on Science and Its Problems*, 2ª ed. (Jerusalem, Feldheim, 1988), p. 167.

3. Nathan Aviezer, *In the Beginning* (Nova York, Ktav Publishing, 1997), pp. 31-33.

4. Philip Feund, *Myths of Creation* (Nova York, Washington Square Press, 1965), pp.11-12.

Abrir e ler o que consta na Torá deveria ser suficiente para satisfazer nossa curiosidade inata na busca de respostas sobre o princípio; afinal de contas, seus primeiros versículos contêm a própria narrativa Divina sobre esses eventos. Isso, entretanto, não é assim tão simples. Consistindo apenas de 103 letras ou 27 palavras, os três primeiros versículos da Torá são talvez as frases mais conhecida da Bíblia Hebraica, embora também as menos compreendidas. Em relação ao tema da Criação, a Torá revela muito menos do que oculta; após a leitura, sentimos que ficamos com mais perguntas do que respostas.

Se ao contemplar as páginas deste livro você tiver a esperança de finalmente vir a conhecer com absoluta certeza o que aconteceu durante a Criação do Universo, esse pode não ser o livro que você está procurando. Se, entretanto, você deseja adquirir uma melhor compreensão sobre o relato destes eventos na Torá, por favor, continue a ler.



Versículo 1

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים
אֵת הַשָּׁמַיִם וְאֵת הָאָרֶץ׃

No princípio criou Deus os céus e a terra...

Gênesis 1:1



Capítulo I

O FIM DA ETERNIDADE

Bereshit ("No princípio"), a primeira palavra da Bíblia Hebraica, anuncia que o Universo teve uma origem no tempo. Afirma que, diferentemente do que se pensava na antiguidade, o Universo não é eterno. A eternidade do Universo não era apenas uma crença das massas nas primitivas criações dos mitos; por séculos os homens de ciência pensavam que o Universo teria sempre existido. Hoje em dia os cientistas contemporâneos, em sua maioria, estão inclinados a aceitar que o Universo teve um início no tempo. O que os levou a aceitar a noção de um início foi a percepção de que o Universo está em expansão. Como veremos nas próximas linhas, encontrar o início foi uma descoberta inesperada depois de muito tempo.

Por séculos os homens instruídos acreditaram que o mundo tinha sempre existido e por isso não havia necessidade de encontrar um momento em que tudo tivesse começado. Por volta do ano 500 a.e.c. (antes da era comum), Heráclito de Éfeso expressou o que pensava sobre as origens do Universo da seguinte forma: "Este cosmos, o mesmo para todos, não foi criado nem por Deus nem pelos homens, mas era, é e sempre será."[1]

Aristóteles (384-322 a.e.c.), o grande filósofo grego, pensava que tudo que sabíamos acerca do Universo indicava que ele sempre teria sido o mesmo. Ele mirava o céu estrelado e procurava

1. Simon Singh, *Big Bang: The Origin of the Universe* (Nova York, Simon Singh, 2005), p. 79.

entender como se comportavam os corpos celestes. Percebeu que, exceto por um pequeno grupo de planetas, os corpos celestes se posicionavam num sistema previsível de órbitas mecânicas circulares. Ele compreendia os movimentos nos céus não como mecanismos caprichosamente variáveis nem como orientados numa direção linear, mas como um sistema que possuía uma regularidade previsível. Não havia evidência de qualquer tipo apontando para uma origem do Universo. Muito pelo contrário: sua circularidade e sua estabilidade pareciam se constituir numa prova de sua eternidade. Como resultado de suas observações, Aristóteles acreditava que o Universo teria sempre existido e sido da mesma forma pela qual ele o enxergava. Ele concluiu que, logicamente, o mundo nunca teria tido um início.

Não se enganem. Aristóteles acreditava numa divindade, seu deus, entretanto não era como o Deus descrito nas Escrituras: o Ser Supremo que criara os céus e a terra. Para ele, um ser divino imbuíra o Universo eterno com movimento e ordem e coexistia eternamente com o cosmos. Mas ele não fora seu criador.

Sob um ponto de vista filosófico, um Universo criado por Deus seria algo contraditório a uma das premissas básicas de Aristóteles: sua divindade não tinha livre arbítrio. Para ele, divindade e previsibilidade eram conceitos que estavam sempre unidos. De forma semelhante à de sua concepção da natureza, sua divindade agia segundo uma concatenação de causas e efeitos. Segundo ele, Deus não poderia ter subitamente mudado de ideia e decidido criar o mundo. Para Aristóteles, mudança era uma característica dos seres humanos, não dos deuses ou da natureza. A criação do Universo implicaria numa mudança na mente divina, o que só poderia ser uma consequência de uma intenção ou de uma vontade, uma característica que sua teologia não estava pronta para atribuir à sua divindade. Um cosmos estável, imutável, e não